

Histórias de ficção científica

PARA GOSTAR DE LER 38

Histórias de ficção científica

ANDRÉ CARNEIRO • ARTHUR C. CLARKE • BRUCE STERLING

EDGAR ALLAN POE • EDUARDO GOLIGORSKY

H. G. WELLS • ISAAC ASIMOV • JEAN-LOUIS TRUDEL

JORGE LUIZ CALIFE • MIGUEL DE UNAMUNO

MILLÔR FERNANDES • RUBENS TEIXEIRA SCAVONE

Seleção e organização de textos
Roberto de Sousa Causo

Tradução
Carlos Angelo e Roberto de Sousa Causo

Ilustrações
Sam Hart


editora ática

Histórias de ficção científica

© André Carneiro, 1966; Arthur C. Clarke, 1985; Bruce Sterling, 2001; Eduardo Goligorsky, 1985; H. G. Wells, 1966; Isaac Asimov, 2001; Jean-Louis Trudel, 1993; Jorge Luiz Calife, 2001; Millôr Fernandes, 2004; Roberto de Sousa Causo, 2005; Rubens Teixeira Scavone, 1979

Diretor editorial
Coordenadora editorial
Editor assistente
Preparador
Coordenadora de revisão
Revisoras

Fernando Paixão
Gabriela Dias
Fabio Weintraub
Maurício Baptista Vieira
Ivany Picasso Batista
Luicy Caetano
Andrea Medeiros
Cátia de Almeida

ARTE

Edição
Assistente
Editoração eletrônica
Pesquisa iconográfica

Cintia Maria da Silva
Eduardo Rodrigues
Moacir K. Matsusaki
Sílvio Kligin (coord.)
Angelita Cardoso

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H58

Histórias de ficção científica / André Carneiro... [et al.]; seleção e organização de textos Roberto de Sousa Causo; [tradução: Carlos Angelo e Roberto de Sousa Causo]. – São Paulo : Ática, 2005. (Para Gostar de Ler ; 38)

Autores: André Carneiro, Arthur C. Clarke, Bruce Sterling, Edgar Allan Poe, Eduardo Goligorsky, H. G. Wells, Isaac Asimov, Jean-Louis Trudel, Jorge Luiz Calife, Miguel de Unamuno, Millôr Fernandes, Rubens Teixeira Scavone

Contém suplemento de leitura
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-10021-3

1. Antologias (Conto). 2. Ficção científica. I. Causo, Roberto de Sousa, 1965-. II. Angelo, Carlos. IV. Série

05-2859

CDD: 808.8376
CDU: 82-34(082)

ISBN 978 85 08 10021-7 (aluno)

CL:733214

CAE: 206703

2019

1ª edição

14ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2005
Avenida das Nações Unidas, 7221, Pinheiros – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

.....

Apresentação	
Futuros imaginados	7
Edgar Allan Poe	
Os fatos no caso de <i>monsieur</i> Valdemar	11
André Carneiro	
Planetas habitados	27
H. G. Wells	
A estrela.....	33
Miguel de Unamuno	
Mecanópolis	51
Arthur C. Clarke	
A sentinela.....	59
Millôr Fernandes	
O navegador.....	75
Isaac Asimov	
Sonhos de robô.....	83
Rubens Teixeira Scavone	
O menino e o robô	95
Eduardo Goligorsky	
No último reduto	111
Jean-Louis Trudel	
Filhos do sol	123
Jorge Luiz Calife	
O Terceiro Mundo.....	129
Bruce Sterling	
2380 d.C.: o <i>Homo sapiens</i> é declarado extinto.....	143
A ficção científica em perspectiva	149
Referências bibliográficas	159

Nota do editor: Carlos Angelo responde pela tradução dos contos “Os fatos no caso de *monsieur* Valdemar” e “A estrela”. “Mecanópolis”, “A sentinela”, “Sonhos de robô”, “No último reduto”, “Filhos do sol” e “2380 d.C.: o *Homo sapiens* é declarado extinto” foram traduzidos por Roberto de Sousa Causo.

Futuros imaginados

As origens da ficção científica se perdem nas brumas do tempo. Mas a maioria dos especialistas concorda que ela é filha da Revolução Industrial (séc. XIX), quando o ritmo acelerado de novas tecnologias fez as pessoas perceberem que grandes mudanças podiam acontecer no curso de uma vida.

Essa literatura que pensa o porvir e o papel do homem no universo foi a grande novidade do século XX, conforme seus assuntos começaram a se tornar realidade: a bomba atômica, as viagens espaciais, o satélite artificial, as redes de computadores, a engenharia genética.

Parte desse esforço imaginativo para lidar com as surpresas que o tempo engendra é o que você vai encontrar nos contos aqui reunidos. Eles compõem um quadro representativo da ficção científica (FC), misturando autores de renome internacional a brasileiros que se dedicaram ao gênero.

Também atestam, entre outras coisas, a vocação da FC para investigar o ser humano — a partir, por exemplo, do confronto com a morte. Isso ocorre no conto de Edgar Allan Poe, “Os fatos no caso de *monsieur* Valdemar”, em que a voz da consciência se manifesta por meio de um corpo cuja morte é suspensa pelo transe hipnótico; ou em “A estrela”, de H. G. Wells, em que o apocalipse se

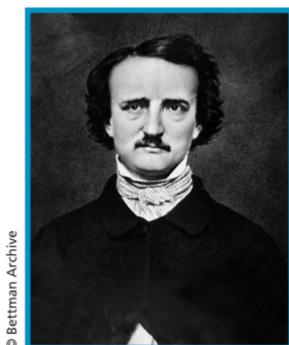
avizinha com a passagem de um cometa. O tema é retomado em “2380 d.C.: o *Homo sapiens* é declarado extinto”, de Bruce Sterling, em que a própria condição humana parece deixar de existir.

Outra fonte de revelação dos limites do humano e de seu sonho civilizador pode ser dada pelo contraste com a máquina, como em “Mecanópolis”, de Miguel de Unamuno, que narra a história de um viajante solitário perdido em uma espécie de cidade-fantasma mecanizada. E Isaac Asimov, em “Sonhos de robô”, trata de um anseio de liberdade ligado à humanização dos autômatos, tema que reaparece em “O menino e o robô”, de Rubens Teixeira Scavone.

O robô, nessas histórias, funciona como um espelho de nós mesmos, função que também pode ser desempenhada pela figura do alienígena. Em “Planetas habitados”, André Carneiro especula sobre a existência de uma perspectiva não humana. Arthur C. Clarke fornece um vislumbre do quanto tudo mudaria a partir de um contato com tais civilizações extraterrestres, em “A sentinela”, enquanto Jorge Luiz Calife mostra que esse contato pode frustrar nossas ilusões, em “O Terceiro Mundo”.

Enfim, o espelho mais precioso nos é dado pelo nosso semelhante. “Os filhos do sol”, do canadense Jean-Louis Trudel, e “No último reduto”, do argentino Eduardo Goligorsky, tratam do ódio e da esperança que depositamos na humanidade, ampliados ou modificados pelos novos contextos (ecológicos, políticos, econômicos, sociais) que a FC vislumbra.

Edgar Allan Poe



© Bettman Archive

A morte é um dos fatores que definem a condição humana. A ficção científica tem brincado com a ideia de que a ciência pode alterar a forma pela qual a enfrentamos. Esta arrepiante história de um mestre do conto norte-americano foi tomada como verídica e copiada em vários países, depois de sua publicação, em 1845. Um expediente científico inusitado prolonga o fim de um moribundo por tempo suficiente para que sua mensagem assustadora chegue até nós, vinda da zona nebulosa entre a vida e a morte.

Os fatos no caso de *monsieur* Valdemar

Edgar Allan Poe

É claro que não devo fingir que considero de se admirar que o extraordinário caso de *monsieur* Valdemar tenha provocado discussão. Teria sido um milagre se isso não tivesse acontecido, especialmente devido às circunstâncias em que tal caso se deu. Embora o desejo de todas as partes envolvidas fosse manter o assunto longe do público, pelo menos por enquanto (ou até que tenhamos mais oportunidades de investigação), um relato deturpado ou exagerado chegou à sociedade e se tornou a fonte de muitas descrições enganosas e, muito naturalmente, de um grande nível de descrença.

Agora se tornou necessário que eu forneça os *fatos*, até o ponto em que eu mesmo os compreendo. Eles são, resumidamente, estes:

Minha atenção, nos últimos três anos, havia sido repetidamente atraída para o assunto do mesmerismo¹ e, cerca de nove meses atrás, me ocorreu, de súbito, que na série de experimentos feitos até agora houve uma omissão muito evidente e quase inexplicável: nenhuma pessoa havia ainda

Título – *monsieur*: senhor, em francês.

1 *mesmerismo*: conjunto das ideias e práticas de Franz Anton Mesmer (1734-1815), médico alemão responsável pela doutrina do magnetismo animal. O mesmerismo é uma espécie de precursor da hipnose atual.

sido mesmerizada na hora da morte. Ainda restava ver, em primeiro lugar, se em tal condição existia no paciente alguma suscetibilidade à influência magnética; em segundo, existindo alguma, se ela seria debilitada ou aumentada por essa condição; em terceiro, cumpria ver até que ponto ou por quanto tempo a invasão da morte podia ser impedida pelo processo. Havia outros pontos a averiguar, mas esses eram os que mais atiçavam minha curiosidade, o último em especial, pelo caráter imensamente importante de suas consequências.

Ao procurar ao meu redor por algum paciente com quem pudesse testar esses detalhes, fui levado a pensar em meu amigo, *monsieur* Ernest Valdemar, o conhecido organizador da “Biblioteca Forense” e autor (sob o pseudônimo de Issachar Marx) da versão polonesa de *Wallenstein* e *Gargantua*². *Monsieur* Valdemar, que tinha vivido principalmente no bairro do Harlem, em Nova York, desde o ano de 1839, é (ou era) particularmente notável pela extrema magreza de seu corpo, seus membros inferiores lembrando muito os de John Randolph³; e também pela brancura das suíças, em violento contraste com o negror dos cabelos, os quais, em consequência, eram muito amiúde confundidos com uma peruca. Seu temperamento era marcadamente nervoso, o que o tornava um bom paciente para os experimentos mesméricos. Em duas ou três ocasiões eu o havia hipnotizado com pouca dificuldade, mas fiquei desapontado com outros resultados que sua constituição particular havia naturalmente me levado a prever. Sua vontade, em nenhum momento, estava completamente sob meu controle e, com respeito à clareza, não consegui realizar com ele nada confiável.

2 *Wallenstein*: trilogia dramática do poeta alemão Friedrich von Schiller (1759-1805), composta por *O campo de Wallenstein* (1798), *Os Piccolomini* (1799) e *A morte de Wallenstein* (1799). *Gargantua*: nome do célebre personagem criado pelo francês François Rabelais (1494-1593) em *A vida inestimável do grande Gargantua, pai de Pantagruel* (1534), obra-prima da sátira renascentista.

3 *John Randolph* (1773-1833): membro do congresso norte-americano, senador pelo estado da Virgínia, contemporâneo de Edgar Allan Poe.

Sempre atribuí meu insucesso nesses pontos à sua saúde perturbada, pois alguns meses antes de conhecê-lo, seus médicos o haviam diagnosticado como tísico⁴. Era costume dele, na verdade, falar calmamente de seu falecimento iminente, como um assunto para não ser evitado nem lamentado.

Quando as ideias às quais aludi me ocorreram pela primeira vez, foi muito natural, é claro, que eu pensasse em *monsieur* Valdemar. Eu conhecia a firme filosofia do homem bem demais para temer qualquer hesitação da parte *dele*, que não tinha parentes na América que pudessem interferir. Falei-lhe com franqueza sobre o assunto e, para minha surpresa, seu interesse parecia vividamente excitado. Eu digo para minha surpresa, pois, embora ele sempre tenha se sujeitado livremente aos meus experimentos, nunca havia dado anteriormente quaisquer mostras de simpatia em relação ao que eu fazia. Sua doença era do tipo que permitiria um cálculo exato da época em que morreria, sendo enfim combinado entre nós que ele mandaria me chamar cerca de vinte e quatro horas antes do seu passamento, previsto pelos médicos.

Faz agora um pouco mais de sete meses desde que recebi, do próprio *monsieur* Valdemar, o bilhete apenso:

Prezado P__ ,

Você pode muito bem vir *agora*. D__ e F__ concordaram que não posso resistir além da meia-noite de amanhã e eu acho que acertaram no horário com grande precisão.

Valdemar

Recebi esse bilhete meia hora após ter sido escrito e, em mais quinze minutos, eu estava no quarto do moribundo. Não o havia visto por dez dias e fiquei assustado com a terrível alteração que esse breve intervalo havia operado nele.

4 *tísico*: tuberculoso.

Seu rosto apresentava um tom plúmbeo; os olhos estavam completamente embaçados e o definhamento era tão extremo que a pele havia afundado completamente nas bochechas. Sua expectoração era excessiva. O pulso mal era perceptível. Ele conservava, não obstante, de maneira bastante notável, tanto a lucidez quanto certo grau de força física. Falava com clareza, tomou alguns remédios paliativos sem ajuda e, quando entrei no quarto, estava ocupado escrevendo notas em uma caderneta. Escorava-se na cama por travesseiros. Os doutores D__ e F__ prestavam-lhe assistência.

Após apertar a mão de Valdemar, chamei esses cavaleiros à parte e obtive deles um relato detalhado das condições do paciente. O pulmão esquerdo estivera por dezoito meses em um estado semiósseo ou cartilaginoso e se tornara, é claro, inteiramente inútil para todas as finalidades de manutenção da vida. O direito, em sua parte superior, também estava parcial, se não completamente, ossificado, enquanto a região inferior não passava de uma massa de tubérculos purulentos se interpenetrando. Havia várias grandes perfurações e, em um ponto, ocorrera uma adesão permanente às costelas. Essas alterações no lobo⁵ direito, comparadas às do esquerdo, eram recentes. A ossificação prosseguira com rapidez incomum; nenhum sinal dela tinha sido descoberto um mês antes e a adesão fora observada apenas durante os três dias anteriores. Independentemente da tísica, suspeitava-se que o paciente tivesse um aneurisma da aorta; mas, nesse ponto, os sintomas ósseos tornavam impossível um diagnóstico exato. A opinião de ambos os médicos era a de que *monsieur* Valdemar morreria por volta da meia-noite, no dia seguinte (domingo). Naquele momento eram sete da noite do sábado.

Afastando-se do leito para conversar comigo, os doutores D__ e F__ haviam se despedido do enfermo para sempre. Não era intenção deles retornar; porém, a meu pedido,

5 lobo: parte de um órgão relativamente demarcada.



concordaram em fazer uma visita rápida ao paciente por volta das dez da noite seguinte.

Quando eles se foram, falei livremente com *monsieur* Valdemar sobre o assunto de seu falecimento iminente, assim como, mais especificamente, sobre o experimento proposto. Ele ainda se declarava bastante disposto, e até mesmo ansioso, para que o experimento fosse feito e me instou a começá-lo imediatamente. Um enfermeiro e uma enfermeira lhe prestavam assistência; mas não me senti totalmente à vontade para me empenhar em uma tarefa desse caráter com testemunhas não muito confiáveis em caso de acidente súbito. Por conseguinte, adiei as operações até cerca de oito horas da noite seguinte, quando a chegada de um estudante de medicina, meu conhecido (o sr. Theodore L__l), abreviou-me o embaraço. O meu plano, originalmente, era aguardar os médicos, mas fui levado a prosseguir; em primeiro lugar, pelas súplicas de urgência de *monsieur* Valdemar e, em segundo, pela convicção de que não havia tempo a perder, visto que ele estava piorando velozmente e de modo claro.

O sr. L__l foi gentil o bastante anuindo ao meu desejo de que ele tomasse nota de tudo o que ocorresse. É com base nas suas anotações que eu relato agora o ocorrido apoiando-me, em grande parte, no que foi condensado ou literalmente transcrito.

Faltavam cinco para as oito quando, segurando a mão do paciente, pedi-lhe que declarasse para o sr. L__l, o mais distintamente que pudesse, se ele (*monsieur* Valdemar) estava inteiramente disposto a ser mesmerizado naquela condição.

Ele respondeu debilmente, embora de maneira bastante audível: “Sim, eu desejo ser mesmerizado”, acrescentando logo depois, “temo que o senhor tenha aguardado tempo demais”.

Enquanto ele falava, iniciei os passes⁶ que eu já sabia eficazes para dominá-lo. Ele estava claramente influenciado pelo

⁶ *passé*: gesto de passar as mãos repetidas vezes ante os olhos de uma pessoa (ou sobre uma parte do corpo que está doente) com o intuito de magnetizá-la ou de curá-la.